

Balanço de Forças Estados Unidos-China: estudo crítico do relatório da Rand Corporation

Autora: Priscila Gonçalves Schelp (Graduanda de Relações Internacionais/Bolsista de Iniciação Científica)
Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Cepik (UFRGS)



pro.pesq
 Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS



paz no plural

OBJETIVOS

Analisar criticamente as conclusões de Heginbotham e demais colaboradores, apresentadas em *The US-China Military Scorecard: Forces, Geography and the Evolving Balance of Power (1996-2017)*, publicação do think tank estadunidense Rand Corporation. A presente análise, desse modo, busca responder à pergunta: qual a importância e quais as implicações dos estudos de correlação de forças nos Mares do Sul e do Leste da China?

HIPÓTESES

Assume-se que as conclusões do estudo das capacidades relativas dos Estados Unidos e da China:

- indiquem tendências no comportamento de ambos, a partir da recomendação de políticas públicas de defesa;
- possam atuar em favor um dos partidos opostos no debate sobre Grande Estratégia estadunidense, justificando grande volume de gastos em programas de aquisição de material bélico e condicionando a abordagem dos Estados Unidos para o Pacífico.

Domínios	Conflito em Taiwan				Conflito nas Ilhas Spratly			
	1996	2003	2010	2017	1996	2003	2010	2017
1. Ataques chineses em bases aéreas	Grande vantagem	Grande vantagem	Paridade aproximada	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Paridade aproximada
2. Superioridade aérea China-EUA	Grande vantagem	Vantagem	Vantagem	Paridade aproximada	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem
3. Penetração do espaço aéreo chinês	Vantagem	Paridade aproximada	Paridade aproximada	Paridade aproximada	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem
4. Ataque a bases aéreas chinesas	Paridade aproximada	Grande vantagem	Vantagem	Vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem
5. China: guerra anti-superfície	Grande vantagem	Vantagem	Paridade aproximada	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem	Paridade aproximada
6. EUA: guerra anti-superfície	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem	Vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem
7. EUA: capacidades antiespaciais	Grande vantagem	Grande vantagem	Paridade aproximada	Paridade aproximada	Grande vantagem	Grande vantagem	Paridade aproximada	Paridade aproximada
8. China: capacidades antiespaciais	Grande vantagem	Vantagem	Paridade aproximada	Paridade aproximada	Grande vantagem	Vantagem	Paridade aproximada	Paridade aproximada
9. Guerra cibernética China-EUA	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem	Vantagem	Grande vantagem	Grande vantagem	Vantagem	Vantagem
10. Estabilidade nuclear (segurança na capacidade de segundo-ataque)	País		1996, 2003 e 2010		País		2017	
	China		Segurança baixa		China		Segurança média	
	EUA		Alta segurança		EUA		Alta segurança	

METODOLOGIA

Foram considerados, a partir de levantamento bibliográfico, o contraste com pesquisas de proposta semelhante, além da análise de dados militares agregados provenientes do *Military Balance (IISS, 2016)* e da avaliação das atuais doutrinas das forças armadas estadunidenses e chinesas.

Legenda

Capacidades dos EUA		Capacidades chinesas	
Grande vantagem		Grande desvantagem	
Vantagem		Desvantagem	
Paridade aproximada		Paridade aproximada	
Desvantagem		Vantagem	
Grande desvantagem		Grande vantagem	

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os desafios impostos pela difusão de tecnologia militar avançada à liberdade de ação dos Estados Unidos em determinados teatros operacionais tem estimulado a publicação de estudos nos quais se avaliam as propostas de abordagem mais adequadas à questão. Em 2010, constatou-se, a partir do relatório do think tank Center for Strategic and Budgetary Assessments (CSBA), que estratégias de negação de área e anti-acesso (A2/AD) impõem significativas limitações à projeção de poder dos Estados Unidos e comprometem a integridade das alianças securitárias regionais. A análise sugeriu o conceito operacional AirSea Battle (Batalha Aeronaval), oficialmente adotado pela administração Obama em 2012.

A modernização militar chinesa tem reduzido significativamente suas desvantagens em relação aos EUA nos Mares do Sul e do Leste da China. Tais avanços não se mostraram uniformes em todos os domínios operacionais, tampouco indicam que as forças armadas chinesas possam equiparar as estadunidenses em termos agregados de capacidades em um futuro previsível. Contudo, o nivelamento no balanço de forças não se faz necessário enquanto os objetivos estratégicos chineses forem limitar o acesso ao seu entorno estratégico imediato. Além disso, cabe destacar que os aspectos mais relevantes do estudo não recaem sobre a análise do atual inventário chinês, mas sobre o ritmo acelerado de sua modernização.

Considerando o aprofundamento das tendências verificadas na correlação de forças em termos convencionais, observa-se um incentivo à preempção nos cenários em questão, sobretudo no que tange aos ataques a bases aéreas e à guerra anti-superfície. Para os Estados Unidos, a iniciativa é enfatizada atualmente no conceito NIA-D3, referindo-se a ataque integrado, em profundidade e em rede, para desabilitar, destruir e derrotar os meios A2/AD inimigos, vinculado à Batalha Aeronaval, atualizada em 2015 para Conceito Conjunto para o Acesso e Manobrabilidade nos Globais Comuns (JAM-GC). Atribui-se à tecnologia furtiva (*stealth*) papel importante na execução de tais procedimentos, de modo que a percepção de ameaça aos interesses dos EUA no Pacífico e o estímulo à iniciativa podem justificar o custo excepcional de aquisições de material bélico do país, liderado pelo programa F-35. Contudo, alternativas à Batalha Aeronaval tem sido apresentadas. As críticas ao tom ofensivo e preemptivo do uso da força sob esse conceito apontam abordagens que busquem a recomposição hegemônica pacífica em detrimento da busca da unipolaridade, além de ampliar o papel dos aliados regionais na contenção de ameaças, diminuindo custos para os Estados Unidos.

Os resultados parciais da pesquisa, desse modo, apontam que avaliação do balanço de poder permite identificar tendências e considerar as perspectivas para dissuasão, bem como as decisões a serem tomadas para reforçá-la. Nesse sentido, enfatiza-se que o estudo tem implicações relevantes para a abordagem dos Estados Unidos sobre o Pacífico e, conseqüentemente, para a polaridade no sistema internacional.

REFERÊNCIAS

- CHASE, Michael S. et al. *China's Incomplete Military Transformation: Assessing the Weaknesses of the People's Liberation Army (PLA)*. Santa Monica, Calif: Rand Corporation, 2015. 201 p.
- CHRISTENSEN, Thomas. *Posing Problems Without Catching Up*. International Security. Spring, Vol. 25, No. 4, P. 5-40. 2001.
- HEGINBOTHAM, E. *The U.S.-China Military Scorecard: Forces Geography, and the Evolving Balance of Power 1996-2017*. Calif: RAND Corporation, 2015.

Contato: priscila.schelp@ufrgs.br

Trabalho Exposto no XXVIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS
 Porto Alegre, 12 a 16 de Setembro de 2016